

**Considerações sobre o desenvolvimento excessivo da inteligência na
criança e o papel do pai na dependência relativa**
**Considerations on excessive intelligence development in children and
the role of the father in relative dependence**

Maria José Ribeiro

Psicóloga clínica e docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de
Uberlândia

E-mail: mariajpsi@hotmail.com

Resumo: Na linha do amadurecimento emocional humano, o desenvolvimento da mente faz parte do período da dependência relativa e possibilita que o bebê se diferencie da mãe. Em muitos casos, em que o apoio do pai à mãe foi muito frágil ou ausente, a criança desenvolve uma exacerbação da inteligência na tentativa de suprir uma sustentação ambiental que caberia aos adultos: comumente a sobrecarga da mãe pela falha paterna dificulta sua identificação com o filho e a sustentação das regressões típicas desse período, assim como em todo o crescimento. Este trabalho se refere ao estudo de crianças que desenvolvem um intelecto muito ativado no sentido de dar conta de uma desadaptação materna precoce no período da dependência relativa.

Palavras-chave: inteligência; mente; papel do pai; amadurecimento emocional; dependência relativa.

Abstract: In the line of relative dependence, the development of the mind is part of the relative dependence stage and enables the baby to differentiate itself from the mother. In many cases when support from the father of the baby to the mother was found to be very fragile or absent, the child develops an exacerbation of intelligence in an attempt to supply a supportive environment that should be up to adults. Commonly, the overload of the mother due to parental failure complicates her identification with the child and sustains typical regressions during this period, as well as throughout all development. This work refers to the study of children who develop a very active intellect in order to make account for an early maternal disadaptation during the period of maternal relative dependence.

Keywords: Intelligence; Mind; Role of father; Emotional maturation; Relative Dependence.

No estágio da dependência relativa, o desenvolvimento da mente tem uma função determinante na linha do amadurecimento emocional humano, relacionada à possibilidade de o bebê diferenciar-se da matriz original e poder ter acesso à cultura em que está inserido. Este trabalho se refere ao estudo de crianças que desenvolvem um intelecto muito ativado no sentido de dar conta de uma desadaptação materna precoce no período da dependência relativa, e reflete sobre tais situações estarem também relacionadas às falhas no papel do pai.

No início do processo de amadurecimento, ainda no estágio da dependência absoluta, o saber diz respeito, primeiramente, às experiências corporais, sensoriais, motoras e à elaboração imaginativa do bebê a respeito delas, visto que *ele não é passivo* no seu processo de desenvolvimento.

Tais experiências precisam acontecer em um ambiente confiável, fornecido pela mãe que vive, com seu filho, uma satisfação mútua de necessidades, típicas desse momento de suas vidas. A mutualidade implica que o bebê necessita da mãe e ela atende suas necessidades de um modo que lhe é espontâneo: a mãe não está calculando o modo de segurar, amamentar, ninar o seu filho; ela se entrega a sua tarefa sem ter de estudá-la, naturalmente corresponde ao que o bebê necessita. É essa *mutualidade* que o bebê precisa experienciar para que nele se estabeleça uma espécie de *crença*, de *fé* em si mesmo e na vida. Isso lhe possibilitará assumir os riscos implicados nas aventuras com o novo, com o que não conhece: nisso começa a se incluir a possibilidade, ou não, de aprendizagem, assim como a modalidade desta.

Assim, no estágio da dependência absoluta, o *aprender* tem que ser compreendido na relação mãe-bebê, pois sabemos que Winnicott não entende que seja válido descrever os bebês nos estágios iniciais, “a não ser relacionando-os com o funcionamento das mães” (Winnicott, 1965n[1962]/1983, p. 56). Elas tanto conseguem Adaptar-se totalmente ao bebê como também desadaptar-se conforme ele vai utilizando seus próprios recursos: são capazes de reparar as falhas do ambiente a tempo de o bebê poder suportá-las sem ter que reagir a elas. O bebê é capaz até de se adaptar às falhas do ambiente, todavia as coisas se tornam muito difíceis quando a mãe é muito imprevisível e não está disponível quando ele necessita encontrá-la. Isso gera uma confusão no bebê, a tal ponto que a criança pode estar todo o tempo sobressaltada, sentindo-se ameaçada em relação a possíveis alterações do ambiente, em que não consegue confiar. Em tais casos, as crianças inteligentes têm maiores chances de lidar com a imprevisibilidade da

mãe, mas podem ficar sobrecarregadas por terem que “vigiar” o ambiente, em vez de poderem se beneficiar dele para seu crescimento.

As reações no estágio inicial vêm acompanhadas de uma perda temporária de identidade do ego em formação. O ego é a parte da personalidade que tende a se integrar em uma unidade; sua força depende da capacidade da mãe em atender às necessidades do bebê, no estágio da dependência absoluta, de um modo que a criança vá chegando ao princípio da realidade gradativamente, de acordo com seu verdadeiro amadurecimento. Assim, quando a realidade é apresentada à criança aos poucos, vai-se fortalecendo nela, também, a possibilidade de perceber o mundo externo de maneira integrada ao desenvolvimento.

Nos estágios precoces do amadurecimento, a mãe é sentida como parte da criança, ou seja, ainda não há externalidade. Quando o ambiente inicial não é suficientemente bom, a criança é incapaz de começar a maturação do ego, ou, então, o desenvolvimento deste ocorre *necessariamente distorcido em certos aspectos vitalmente importantes*. Entendo que aspectos da aprendizagem, entre outros, podem estar incluídos em tais distorções, como diz Winnicott, em um texto escrito em 1962:

Pode-se dizer que uma proteção do ego suficientemente boa pela mãe (em relação a ansiedades inimagináveis) possibilita ao novo ser humano construir uma personalidade no padrão da continuidade existencial. Se há recorrência da reação desse tipo de modo persistente, se instaura um padrão de fragmentação de ser. A criança cujo padrão é o de fragmentação da continuidade do ser tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia. Assim, pode haver um fator muito precoce (datando dos primeiros dias ou horas de vida) na etiologia da inquietação, hipercinesia e falta de atenção (posteriormente designada como incapacidade de se concentrar). (Winnicott, 1965n[1962]/1983, p. 59)

Portanto, na teoria winnicottiana, são consideradas potencialmente devastadoras as consequências de um apoio deficitário ao ego do bebê pela mãe, podendo resultar em quadros como o autismo, esquizofrenia latente, falso *si-mesmo*, personalidade esquizoide (Winnicott, 1965n[1962]/1983, p. 57).

Para que a mãe possa apoiar o ego do seu bebê, vimos que ela precisa desenvolver a confiança em si mesma, o que pode ser difícil em razão dos seus próprios

conflitos, do momento de vida que atravessa e da falta de um ambiente sustentador para que possa exercer a maternidade. Isso pode levar a mãe a defender-se de sentimentos muito dolorosos, dificultando a identificação com o seu bebê. Existe ainda a possibilidade de a mãe *não* estar apoiada pelo pai da criança (nem por outros segmentos da sociedade), o que lhe dificulta exercer tão somente o seu papel, que já é o bastante, sem preocupações adicionais, que poderiam e deveriam ser assumidas por ele.

Por outro lado, precisamos considerar que o próprio pai pode ter condições menos ou mais estabelecidas de conseguir fornecer sustentação ao papel materno, o que acaba por repercutir no ego incipiente do bebê. Considerando que o pai passa a ser “o último da fila” nas atenções da família, nem sempre pode suportar tal condição, dependendo de questões relativas ao seu próprio amadurecimento pessoal. Muitas vezes, ele também precisaria ser apoiado por outrem para exercer a responsabilidade relativa ao seu papel. Além do fato de o pai sentir-se excluído da “unidade-dual” mãe-bebê, ele não existe para o pequeno filho; e o seu lugar de homem para a mulher sofre profundas alterações nesse período.

Por conseguinte, de algum modo, as mães se sairão melhor nesta ou naquela situação, dependendo tanto de suas experiências anteriores, que vão desde o início de sua própria existência, quanto do modo como foram cuidadas, mas serão profundamente afetadas, ainda, pelas condições atuais em que estão vivendo a maternidade e por quem está exercendo o papel de pai e como esse papel está sendo exercido.

Dias (2002) lembra o esforço de Winnicott em evitar uma idealização dos pais, uma vez que os cuidados suficientemente bons estão longe da perfeição das máquinas, pois nem os pais podem ser considerados “anjos altruístas” nem é perfeito o mundo que rodeia o bebê. O que ele mais necessita é de pessoas confiáveis e de uma presença humana com que possa estabelecer uma comunicação verdadeira.

As falhas do ambiente são inevitáveis porque se trata de um ambiente humano: o reconhecimento das falhas e a atitude perante estas é que vai conferir ao ambiente o traço de confiabilidade que permitirá o estabelecimento, ou não, de uma crença na provisão ambiental e um saber sobre a vida.

A mãe que tem empatia com o filho é capaz de saber por que período ele pode guardar sua presença na memória e respeita os limites do bebê em suportar sua ausência ou esperar pelo atendimento de uma necessidade, como a de alimentar-se (Winnicott 1967b/1975, p. 135; 1960c/1983, p. 45). No decorrer do tempo, surge um estado no qual o bebê sente confiança em que o objeto de que necessita pode ser encontrado, e isso

significa que paulatinamente ele “passa a tolerar a ausência do objeto” (1988/1999, p. 126).

A criança pode manter viva a ideia de um pai, uma mãe ou uma babá por muitos minutos, mas, se a mãe fica fora durante duas horas, então a *imagem* da mãe que o bebê tem dentro de si esmaece e começa a morrer. Quando a mãe volta, ela é outra pessoa. É difícil manter viva a *imagem* dentro de si. (1968b/1999, p. 142)

É a capacidade da mãe de se identificar com o filho que lhe permite dosar as possibilidades de ele suportar a sua ausência, o que vai acontecendo gradativamente. O bebê, durante todo o início de sua vida, vai acumulando suas primeiras e fundamentais experiências que vão fornecer os elementos para que se edifique sua inteligência que, a partir do próximo estágio, passa a ter uma importante função relacionada às conquistas do amadurecimento emocional.

Quando, por alguma razão, a mãe precisa liberar-se da relação de dependência com o bebê, antes que ele tenha um desenvolvimento emocional que possibilite tal fato, pode ocorrer uma cisão entre a psique e a existência psicossomática, proveniente de uma exploração do intelecto do bebê, totalmente extemporânea. O intelecto cindido funciona como uma falsa independência, em virtude de um ambiente que não se adapta às necessidades do bebê e produz um falso si-mesmo, e o verdadeiro *self* fica retraído, até que o ambiente possa, talvez, reparar suas falhas em tempo hábil.

Tanto a elaboração imaginativa do funcionamento corpóreo como as sensações vindas do ambiente e as experiências de encontro com o objeto vão sendo guardadas pelo bebê e subsidiarão a formação da mente no estágio da dependência relativa. A motilidade do bebê permite a exploração do próprio corpo e também dos objetos (ainda que não sejam percebidos como externos nesse momento), e é elemento fundamental para suas vivências iniciais.

Quando o ambiente consegue manter-se familiar e comunicar-se com o bebê, respondendo ao seu gesto espontâneo, vai conferindo um sentido de realidade ao seu encontro com o mundo, e o modo disso acontecer terá consequências também no seu aprendizado. Em tais casos, a criança tem maiores chances de sentir-se ambientada em outras situações, como a escolar, e posicionar-se de modo seguro perante novos objetos, visando a conhecê-los a partir de seu próprio referencial. Se, porém, o ambiente inicial

não foi suficientemente bom, a criança fica impossibilitada de valer-se das experiências iniciais para dar prosseguimento à construção da inteligência, a não ser como *split-off*, e nesses casos a mente funciona como *falso self* e não está mais a serviço da psique. Existem ainda os casos de deficiência mental de tipo psicótico, assim como severas dificuldades de aprendizado, decorrentes de falhas ambientais.

É necessário que a mãe consiga deter-se no bebê, fornecer-lhe um espaço e um tempo em que ele possa ficar e, a partir daí, encontrar o mundo e circunscrever-se nele a partir de um lugar que é conhecido. Se a mãe não consegue concentrar-se nos cuidados ao filho, ele não vive tal experiência e sua própria capacidade de concentrar-se pode ficar comprometida, o que ficará evidente na idade escolar.

Certas mães sentem muita dificuldade de estreitar demasiadamente seus interesses em função dos cuidados ao bebê. Quando existe um pai que coloca certos limites necessários a um possível excesso de atividades externas às necessidades do bebê nesse momento – mas de modo que a mãe se sinta valorizada e acompanhada nas suas tarefas maternas –, a tendência é que ela atravesse melhor esse período, conseguindo manter-se atenta ao filho.

A capacidade materna de se identificar com o filho é o que permite à mãe colocar-se no lugar daquele bebê específico, já ver nele uma pessoa, ter empatia com suas necessidades, podendo atendê-las de modo que ele sinta uma continuidade na linha da sua vida e tenha uma experiência de confiabilidade. É isso que permite, no estágio da dependência absoluta, o desenvolvimento de um “saber” pré-mental e pré-verbal, que é a verdadeira base de sustentação emocional e a única que realmente terá valor quando o indivíduo tiver que enfrentar os desafios que a vida lhe reservará.

Se o acúmulo das experiências iniciais for assentado em uma confiabilidade no ambiente inicial, o bebê vai ter o desenvolvimento necessário para prosseguir nas conquistas do estágio da dependência relativa. Entendo que a base de sustentação da possibilidade de aprender começa a construir-se desde o início e vai se edificando a partir do acúmulo das vivências: em um ambiente previsível com o qual se familiarizou, o bebê pode valer-se do que acumulou a serviço do seu amadurecimento emocional, desenvolvendo e utilizando as funções mentais para iniciar a separação do ambiente inicial, suportar a ausência materna por maiores períodos, tolerar frustrações, ter acesso à realidade objetiva e poder inserir-se na cultura de modo criativo. Para isso, é necessário que o mundo seja apresentado de maneira que a criança possa ir se apropriando dele, como escreve Winnicott:

Se a realidade externa é apresentada à criança em pequenas doses cuidadosamente calibradas de acordo com sua capacidade de compreensão, ela talvez desenvolva a possibilidade de adotar uma abordagem científica dos fenômenos, podendo chegar até a empregar o método científico no estudo dos assuntos humanos. Se isto acontece e logra bom êxito, parte da responsabilidade pode ser creditada à mãe devotada que lançou fundações, e em seguida ao trabalho conjunto de ambos os pais e de vários acompanhantes e professores; qualquer um dos quais poderia ter causado uma confusão e dificultado a obtenção última, por parte do indivíduo, de uma atitude científica. A maioria de nós, diga-se, somos obrigados a deixar ao menos certa parte da natureza humana fora do domínio da investigação científica. (1965[1950]/1997, p. 40)

Desse modo, enquanto na dependência absoluta o bebê conta com uma mãe adaptada às suas necessidades até que conquiste certa maturidade que permita a ela recuperar-se da preocupação materna primária e começar cuidadosamente a desiludi-lo de sua onipotência, após a primeira mamada teórica inicia-se todo um processo de separação gradual do bebê em relação à mãe, em que o pai participa ativamente.

Conforme o tempo vai passando, a mãe vai tendo uma necessidade comum de retomar alguns interesses próprios, o que coincide com a segurança que sente com o crescimento do seu filho e a capacidade progressiva dele em suportar sua ausência: começa todo um período de “desadaptação” do bebê e da mãe que, quanto mais em sintonia ocorrer, melhor será para ambos. Nesse momento o pai vai requerendo paulatinamente sua mulher, depois de um período em que o bebê esteve como total prioridade.

Enquanto no estágio anterior o bebê formava uma *unidade fusional* com a mãe, na etapa da dependência relativa a mãe terá que ir falhando de acordo com a possibilidade maturacional do bebê em suportar as falhas maternas. A realidade vai sendo apresentada de modo que o bebê possa ir percebendo sua dependência do ambiente sem ficar apavorado diante desse fato. Tem início um delicado e árduo período de conquistas rumo à individualidade, em que o ambiente precisa continuar a sustentar o bebê para que a integração em curso não seja fortemente ameaçada.

Com o tempo, a mãe começa a querer a desmamar o filho, e esse período de separação tem toda sorte de recaídas que vão sendo manejadas de modo a respeitar o momento e as características de cada dia. Winnicott diz que a mãe

[...] deve ser bastante corajosa para suportar a cólera do bebê e as terríveis ideias que acompanham a cólera, e para fazer justamente o que aprimora a tarefa da boa amamentação. Sem dúvida, o bebê que foi alimentado com êxito se sente feliz por ser desmamado no devido tempo, especialmente quando isso é acompanhado pela vasta ampliação do seu campo de experiências. (1949k/1979, p. 91)

O pai também permanece desempenhando o seu papel, como o de manter a estabilidade do ambiente (dado que não parecem convenientes maiores alterações nesse período), trazer a mãe de volta a outros interesses que a ajudem a desadaptar-se da criança, e também o de ligar-se, ele próprio, cada vez mais ao filho, no sentido de favorecer o começo da ampliação dos laços do bebê. O pai fortalece a mãe para suportar o ódio do bebê ao ser desmamado, e também pode ir assumindo certas tarefas relacionadas ao manejo do bebê, que possam descansar a mãe da força crescente de seu filho.

O bebê já se torna capaz de aceitar acréscimos na alimentação, assim como surgem as brincadeiras de principiante, como jogar fora objetos, o que é considerado por Winnicott um sinal de maturidade relacionada ao desmame. É bastante marcante no desenvolvimento da criança a história do seu desmame, com repercussões nas futuras separações pela vida afora, incluindo os exemplos relacionados à escolarização, desde a entrada na escola até a saída do local de origem, para estudo e/ou estágios profissionalizantes em outros locais distantes do lar. Ao mesmo tempo em que a criança precisa liberar-se, ela deve ter a segurança de poder regredir até que se sinta forte para prosseguir, sem pressões excessivas que possam conduzi-la a um amadurecimento artificial, como aquelas frutas que parecem suculentas, porém estão verdes por dentro. O pai, conforme o que traz dentro de si, pode favorecer nessa trajetória, de modo que a mãe consiga sentir-se firme para efetuar o desmame; precisa estar sintonizado com os retrocessos típicos dessa travessia: são necessários ao pai tanto firmeza no apoio ao desmame como sensibilidade para perceber os sentimentos da díade mãe-bebê e a singularidade com que esse processo tem que ser realizado. Winnicott situa o desmame no plano das experiências que, quando bem-sucedidas, ajudam no desenvolvimento da criança, mas, se o ambiente não se mostrar estável, “poderá redundar numa época em que começam as dificuldades” (1949k/1979, p. 92).

Como vimos, o que impulsiona a mãe suficientemente boa a separar-se do bebê é a necessidade de retomar sua vida pessoal – com determinados interesses alheios ao filho –, na qual, se tiver saúde, quer também investir. É claro que, agora, o bebê inexoravelmente também pertence à vida da mãe e apenas gradativamente vai liberando-se dela (e vice-versa), sendo comum durante todo o desenvolvimento o retorno à dependência – momento em que a regressão se faz necessária até que o crescimento possa ser retomado. Além disso, por continuar a ter empatia com seu filho, a mãe percebe a sua capacidade crescente de suportar sua ausência, como esclarece Winnicott:

No processo de criação de bebês, é vitalmente importante que as mães forneçam desde o início essa adaptação ativa, primeiro em termos físicos e posteriormente em termos que incluem a imaginação, mas também é característica essencial da função materna uma gradual falha na adaptação, de acordo com a crescente capacidade do bebê individual de suportar a falha relativa por meio de sua atividade mental, ou seja, por meio da compreensão. Assim sendo, surge no bebê uma tolerância em relação a fatores tanto egoicos quanto instintivos. (1954a[1949]/2000, p. 335)

A crescente capacidade mental do bebê fornece subsídios fundamentais para que ele possa adaptar-se à desadaptação de sua mãe, valendo-se para isso do intelecto.

Para o autor, a atividade mental passa a ter uma função na continuidade de ser do bebê na medida em que possibilita a tolerância das falhas do ambiente no estágio da dependência relativa: o bebê consegue utilizar indicadores do ambiente para sustentar a espera do atendimento de necessidades, conserva por períodos maiores a lembrança da mãe, distrai-se um certo tempo com brincadeiras (ainda que sejam no princípio rudimentares).

O desenvolvimento da mente permite à mãe ser liberada, então, das exigências típicas do estágio da dependência, no qual houve adaptação quase perfeita às necessidades do filho para que ele não sentisse sua existência ameaçada; agora o bebê já começa a poder valer-se da compreensão para dar conta da desadaptação materna.¹

¹ Loparic (2000) escreve que, em Winnicott, uma das funções da mente é o pensamento abstrato, e a ciência um dos exemplos mais significativos, sendo caracterizada pela observação dos fatos, criação e modificação de teorias de acordo com novos fatos (1958a/2000, p. 392). As experiências vão sendo armazenadas, catalogadas e/ou classificadas e relacionadas a uma dimensão temporal e espacial; “mesmo

Portanto, para Winnicott, o estudo da mente está inserido no desenvolvimento da pessoa como um todo, desde o início da sua existência psicossomática. A mente depende de uma base cerebral, tem origem no

[...] funcionamento variável do psicossoma, sempre às voltas com as ameaças à continuidade do ser que acompanham cada falha na adaptação ambiental (ativa) [...]. A raiz mais importante da mente está, talvez, na necessidade que o indivíduo tem, no cerne mesmo de seu eu, de um ambiente perfeito. (Winnicott, 1954a[1949]/2000, p. 335)

O ambiente é considerado *facilitador* quando responde de modo sensível às necessidades do bebê. Todavia, se o ambiente não é adaptativo e se impõe contrariamente a um sentido de continuidade, ele é considerado *intrusivo* (mudanças excessivas no manejo do bebê, desconforto gerado por ruídos e luminosidade inconvenientes, abandono, atrasos na alimentação etc.).

Quando o ambiente não repara sua inadaptabilidade e esta se torna um padrão, do qual o bebê não tem como escapar, ele é obrigado a reagir à intrusão ambiental com o retorno ao isolamento, que é oposto à continuidade de ser: “a influência ambiental pode iniciar-se numa etapa muitíssimo precoce, determinando se a pessoa, ao buscar uma confirmação de que a vida vale a pena, irá partir à procura de experiências, ou se retrainará, fugindo do mundo” (1988/1990, p. 149).

Se o ambiente perfeito já não pode ser proporcionado pela mãe, a mente desenvolve-se para que a linha da vida não se quebre e o amadurecimento emocional prossiga munido, agora, da função mental.

Lembro que no ser humano a função mental tem especificidades que o distinguem dos outros animais, como a capacidade de ensinar e de aprender em um ambiente cultural, como escrevem autores identificados com a teoria sócio-histórica sobre a imaturidade relativa da criança humana em comparação com outras espécies, o que torna necessário um apoio muito mais prolongado por parte de adultos. Isso cria uma *contradição psicológica básica* para a criança, pois por um lado ela depende totalmente dos outros, que são muito mais experientes que ela, mas, “por outro lado, ela colhe os benefícios de um contexto ótimo e socialmente desenvolvido para o

antes do pensamento se unir à linguagem... o intelecto já tem uma função a cumprir” (Winnicott, 1988/1990, p.161).

aprendizado. Embora as crianças dependam de cuidado prolongado, elas participam ativamente do próprio aprendizado nos contextos da família e da comunidade” (John-Steiner & Soubberman, 1999, p. 138). O aprendizado permite uma liberação crescente do ambiente inicial e, desde que integrado ao psicossoma, amplia as possibilidades de experiências e uma riqueza no viver – tão valorizado por Winnicott.

O ambiente começa a falhar, dentro da pauta de adaptação do bebê, à medida que o saber pré-representacional, acumulado ao longo da dependência absoluta, pode ser utilizado como esteio para o funcionamento intelectual e a mente poder suprir as falhas ambientais. “Este desenvolvimento da compreensão que o bebê tem, do que está se passando, resulta na capacidade crescente da mãe de *fracassar em adaptar-se* às necessidades de seu bebê” (1989s[1965]/1994, p. 122).

Toda a familiaridade vivenciada pelo bebê no seu ambiente permite que ele use sua inteligência para identificar e organizar o que percebe a sua volta e poder pensar, ou seja, explicar, admitir e aguentar o adiamento no atendimento de suas necessidades, dentro de certo limite. O bebê aprende, por exemplo,

a partir de certos ruídos específicos, que algum alimento está sendo preparado. Sem verbalizar nada, o bebê diz para si mesmo “Esse barulho me permite prever que vem aí comida; portanto, espere um pouco!”. As chances são que tudo corra bem. (1984h[1968]/1999, p. 45)

Os bebês que possuem um bom potencial intelectual liberam suas mães em mais breve tempo, pois são capazes de perceber com maior facilidade o que acontece em torno deles e predizer desde cedo (*se... então...*). Tais bebês conseguem pensar, mesmo enquanto gritam, que suas necessidades estão prestes a ser atendidas e antecipam-se ao ambiente: identificam logo os sinais familiares, utilizam suas lembranças para manter a esperança de que serão aliviados no que precisam, não sentindo, portanto, uma ameaça excessiva a sua onipotência.

No caso das crianças com potencial intelectual mais restrito ou nas deficiências mentais, o período de adaptação materna ao bebê terá que ser mais longo, e, em certos casos, muito mais longo. As dificuldades adicionais com que a mãe tem que se defrontar com um filho deficiente, desde as relacionadas ao seu narcisismo até a disponibilidade de acesso a recursos materiais e profissionais disponíveis no meio (às vezes totalmente desconhecidos pela família), são alguns exemplos de “complicadores”

da situação a ser enfrentada. Essas mães não podem contar, como ocorre com as crianças inteligentes, com um intelecto que ajude o bebê a suportar a desadaptação do ambiente, e torna-se mais premente a possibilidade de os bebês serem traumatizados, o que possibilita, e até não muito raramente, a combinação de deficiências mentais com a psicose.

Algumas mães podem ter dificuldades, como atender a tempo as necessidades da criança, alternar entre atender e não, ou, então, atender, mas se encontrar sem vitalidade no contato com o bebê ou, ainda, alterar excessivamente seu estado de ânimo. Tais imprevistos são intrusivos à continuidade de ser e podem conduzir a defesas desde cedo. Quando o pai consegue estar atento a tais questões, pode contribuir para certa estabilidade no ambiente, com cuidados a serem fornecidos à família.

Lembro que, para aprender, é preciso haver uma necessidade de encontrar o objeto do conhecimento para, depois, incorporá-lo como seu, relacionando-o às experiências anteriores. Isso implica um rearranjo do que era anteriormente conhecido para o estabelecimento de uma nova ordem para esse momento, que vai “engrossando” o patrimônio intelectual de cada um. Tal processo é, às vezes, inacessível para certas crianças, como as que viveram precocemente em um ambiente *tantalizante*, ainda impossível de ser identificado como externo. Nesses casos, “em vez de odiar as falhas do ambiente, o indivíduo se desorganiza devido a elas, pois o processo ocorreu antes que houvesse ódio” (Winnicott, 1954a[1949]/2000, p. 338).

Quando a criança se defende da desorganização que a traumatizou, a ponto de se tornar impermeável a novas experiências, vai perdendo muitas das oportunidades disponíveis no ambiente, ou aproveitando-as em um ritmo tão lento e reduzido que seu aprendizado destoa das outras crianças da mesma faixa etária do meio em que vive; ela “perde o bonde” na medida em que as experiências de aprendizagem não podem incidir no seu desenvolvimento, defensivamente interrompido, resultando em um rebaixamento, às vezes crescente, da inteligência.

Já nos casos dos bebês muito inteligentes, a tendência é que liberem mais cedo suas mães dos cuidados adaptativos que lhes fornecem. A sua capacidade de aprendizagem ajuda-os a captar indicadores do ambiente que lhes permitem sentir-se seguros, ainda que o atendimento de suas necessidades seja adiado ou sua mãe demore um pouco mais a chegar. O intelecto favorece a criança, “equipando-a”, pelo pensar, de uma maior condição de tolerar a frustração sem desesperançar-se. Isso ajuda na independência (relativa) da mãe, que pode contar com uma maior compreensão do bebê.

Desse modo, o intelecto bem dotado é encarado por Winnicott como uma “coisa boa” (1984h[1968]/1999, p. 47) desde que a mãe não explore a inteligência do bebê para se livrar do vínculo de dependência com ela. Exploração significa aqui uma “apropriação indébita” da inteligência para realizar um papel que ainda caberia à mãe desempenhar: a mente se torna a mãe da criança, isto é, o bebê percebe cedo demais sua dependência e passa logo a compreender as falhas do ambiente, utilizando em excesso a mente para suprir o papel da mãe que se desadaptou dele precocemente. Quando há saúde, “a mente não usurpa as funções do ambiente” (1954a[1949]/2000, p. 336).

Ainda que a criança tenha muitas habilidades que sugiram independência, a mãe continua a ser emocionalmente necessária por um longo período, até para que seu filho não seja aprisionado por um desenvolvimento que não lhe permite um retornar saudável à condição de dependência, sempre que precisar.

Alguns pais conseguem apoiar as mães e exercer o seu papel na dependência absoluta até certo ponto, mas não aguentam sustentar o tempo necessário para que o bebê possa crescer e passam a requerer a mãe – como mulher – muito precocemente. Tais homens não suportam... não suportam as regressões comuns nesse período ou desorganizam-se em relação à provisão ambiental. É como se já tivessem “aguentado” ou feito demais. Nesses casos, a mãe precisa apressar-se para manter o grupo familiar, voltando sua atenção precocemente para o marido e para as situações rotineiras. Ao apressar-se, a mãe apressa o bebê, especialmente quando ele tem um bom desenvolvimento cognitivo e motor. O bebê aciona por demais sua mente para suprir necessidades advindas da falha materna e manter um ambiente estável, em que pode manter certo controle.

Em certos casos, o pai chega a ausentar-se até definitivamente, pois não reconhece aquela situação familiar como uma escolha pessoal, não sabia que as coisas seriam assim e se desinteressa pela pessoa em que sua mulher, agora mãe, se tornou. Assim, a mãe sofre um abandono no meio do caminho e também pode, nessas circunstâncias, requerer o crescimento rápido do bebê, pois o ambiente de ambos sofreu uma alteração na própria constituição. A mãe mesma precisa encontrar soluções para sua nova realidade, desprovida agora do apoio paterno. Nessas circunstâncias, quanto mais cedo a mãe se desobrigar do bebê, mais terá condições de reorganizar sua vida. Comumente, a sobrecarga da mãe pela falha paterna dificulta sua identificação com o filho e a sustentação das regressões típicas da dependência relativa. Destacamos a fala de uma criança de quatro anos, cujo pai abandonou definitivamente a família e que

exerceu o papel paterno de modo sempre muito precário: “tem uma luzinha na minha cabeça que não pode apagar, nem de dia nem de noite, para eu não parar de pensar e ajudar minha mãe a tomar conta das coisas”.

Reiteramos que, nas idas e vindas do processo de amadurecimento, o ambiente tem que preservar a confiabilidade, senão o bebê passa a confiar mais na própria compreensão do que na figura de seus pais.

A pessoa pode desenvolver-se defensivamente, apresentando supostas “competências” que parecem ajudá-la a sentir-se independente do ambiente: busca prevenir-se de contratemplos, não se esquece de nada que possa lhe parecer útil, desconfia de tudo por princípio, busca evitar o que não conhece: passa a tomar conta do ambiente como ele, em outros tempos, precisaria ter feito com ela. Lembro um relato de Winnicott sobre uma fala de sua paciente: “Quando nasci, sentei-me e comecei a lecionar: Faça isso desta maneira” (1989s[1965]/1994, p. 122).

Sendo a capacidade intelectual altamente valorizada pela escola, família e sociedade (e tantos os desafios dos que se propõem ensinar a quem não consegue aprender), pouca preocupação é destinada aos “bons alunos”, aqueles que estão invariavelmente com resultados acima da média. Há casos de adultos que conseguem uma carreira de sucesso, mas não se sentem verdadeiros no que fazem e podem até se destruir chocando os que tinham “depositado grandes esperanças no indivíduo” (Winnicott, 1965m[1960]/1983, p. 132).

Existem pessoas consideradas brilhantes, que dão orgulho aos pais e mestres, mas apresentam dificuldades emocionais com um intelecto sobrecarregado, movido pela ansiedade, com possibilidade de caos e/ou privação subjacentes. Sempre que a mente não se desenvolve ancorada no psique-soma, há *perigos* e *irrealidade* nesse tipo de desenvolvimento, e, se o intelecto fizer o papel que cabe ao ambiente, sua função é falsa, podendo adquirir “uma vida própria, dominando o psicossoma, em vez de ser uma função específica do mesmo” (1988/1990, p. 162).

O verdadeiro *self* já está presente no gesto espontâneo, que se torna real pela capacidade da mãe de satisfazê-lo e só gradualmente ir desiludindo o bebê da ilusão da onipotência. Quando a mãe não pode se adaptar suficientemente bem ao latente, ele pode se defender da possibilidade de aniquilamento do seu verdadeiro *self* pelo desenvolvimento de um falso *self* sem espontaneidade, que oculta o verdadeiro e é submisso ao ambiente, construindo *relacionamentos falsos*, e por meio de *introjeções* de figuras do seu ambiente pode chegar até uma “aparência de ser real, sendo a imitação

uma especialidade”. Quando o indivíduo tem alta inteligência, pode utilizar a mente como lugar para o falso *self* e tentar resolver suas questões pessoais por meio do intelecto, dissociado do viver psicossomático (1965m[1960]/1983, p. 134).

Portanto, na teoria do amadurecimento emocional, o conceito de saúde não coincide necessariamente com o bom desenvolvimento intelectual: “*na saúde, a mente funciona nos limites do tecido cerebral, porque o desenvolvimento emocional do indivíduo é satisfatório*” (1988/1990, p. 32; os itálicos são meus). Desse modo, uma pessoa pode ter inteligência limitada e viver de um modo que lhe pareça digno, responsabilizar-se por si e por seus filhos e contribuir para a sociedade. Pode acontecer, outrossim, de uma pessoa excepcionalmente inteligente apresentar problemas como os de caráter, sentimento de irrealidade, crises psicóticas, e depender totalmente dos outros.

Geralmente, as escolas despreocupam-se e valorizam as crianças que sabem cuidar de si desde bem cedo, que não dão trabalho aos adultos, nunca esquecem as tarefas, não perdem o material escolar e sabem, até, o momento de parar a brincadeira. Sua inteligência, em vez de enriquecer a própria existência, serve predominantemente para protegê-las de imprevistos ameaçadores ou para atender às expectativas dos outros, de quem duvidavam tanto dos cuidados como de uma aceitação genuína.

Referências

Dias, E. O. (2002). Da sobrevivência do analista. *Natureza humana*, 4(2), 341-362.

John-Steiner, V. & Souberman, E. (1999). Posfácio. In L. S. Vygotsky, *A formação social da mente* (pp. 137-150; 3ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Loparic, Z. (2000). O “animal humano”. *Natureza humana*, 2(2), 351-397.

Ribeiro, M. J. (2004). *O ensinar e o aprender em Winnicott: a teoria do amadurecimento emocional e suas contribuições à psicologia escola*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971a)

Winnicott, D. W. (1975). A localização da experiência cultural. In D. Winnicott (1975/1971a), *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967b)

Winnicott, D. W. (1979). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964a)

Winnicott, D. W. (1979). O desmame. In D. Winnicott (1979/1964a), *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949k)

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965b)

Winnicott, D. W. (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In D. Winnicott (1983/1965b), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965m[1960])

Winnicott, D. W. (1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. Winnicott (1983/1965b), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965n[1962])

Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D. Winnicott (1983/1965b), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960c)

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989a)

Winnicott, D. W. (1994). Uma nova luz sobre o pensar infantil. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1989s[1965])

Winnicott, D. W. (1997). Crescimento e desenvolvimento na imaturidade. In D. Winnicott (1997/1965a), *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965t[1950])

Winnicott, D. W. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965a)

Winnicott, D. W. (1999). O aprendizado infantil. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968b)

Winnicott, D. W. (1999). *Sum: eu sou*. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984h[1968])

Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986b)

Winnicott, D. W. (2000). A mente e sua relação com o psique-soma. In D. Winnicott (2000/1958a), *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954a[1949])

Winnicott, D. W. (2000). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958a)